

A estrela fria

José Almino

THERE'S NO THERE THERE*.

I

O verão era permanente.
Tanto fazia: alegria e dor
tinham
o calor do meio-dia.

II

De primeiro, era o
sol
que *em Pernambuco leva dois sóis***
e aterrissa de chofre
sobre a palha da cana
sobre a cabroeira do eito,
imundas,
ao arrepio da carícia
das geladeiras,
ao largo de azulejos
azuis.

Depois
é trinado de canção
no salão de barbeiro
suor do descamisado
capinando
o descampado.

Não há crepúsculo
mas o rangido do sol a pino
varrendo a sombra
e a árvore:
quintal pelado.

De longe,
a infância queima:
ela é a luz de uma estrela fria.

III

e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas^{***}.

Quando o medo andava pelas ruas,
era apenas ele, *nosso pai e nosso companheiro*:
entrava na padaria, passeava o cachorro,
pousava a mão no meu ombro.

Na minha infância já não se morria de tifo,
mas havia o medo,
sufocando-me durante as noites,
com lágrimas
e o travesseiro.

IV

Vou não.
Pego tudo e sacudo fora:
Avô no mato.

V

*O sol de Sócrates amanhece lícido, vigilante****:*
não é o meu.

Teço apenas o fiozinho de um desejo
que escreve letras tortas por linhas incertas.
Às vezes, bobeio, quando os meus olhos abrigam os descampados da infância.
Morei no Zumbi, um lugar que sumiu.
Perdi a pátria nos trilhos sonolentos do bonde de Caxangá.

VI

Os adjetivos mastigam metáforas que desafinam:
há muito não vejo um rosto na multidão
e qual Ulisses, volto a escutar a minha própria história
tangida pela memória de um outro
que com o tato de hoje identifico,
frente a uma tarde
quando aprendi a ver.

Eu era um signo opaco,
menino chutando pedra
no oco do mundo,
liberto de escolhas,
entre o ócio e o espanto.

Notas

* Gertrude Stein

** João Cabral

*** Carlos Drummond de Andrade

**** Murilo Mendes